

## **A CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA PELA CRIANÇA: CONTRIBUIÇÕES DO PIBID<sup>1</sup>**

### *THE CONSTRUCTION OF READING AND WRITING BY CHILDREN: PIBID CONTRIBUTIONS*

**Maria Luiza Lampert Batista<sup>2</sup> e Eliane Aparecida Galvão dos Santos<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo apresentar aspectos relevantes para reflexão sobre as contribuições do trabalho pedagógico do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na aprendizagem da leitura e da escrita, de estudantes de uma escola municipal de Santa Maria, RS. Assim, buscou-se compreender em que medida as intervenções pedagógicas realizadas pelas bolsistas do PIBID, Subprojeto Pedagogia contribuem no processo de construção de leitura e escrita dos estudantes. A pesquisa caracterizou-se por um estudo qualitativo, do tipo bibliográfico e documental utilizando os relatórios apresentados anualmente pelas bolsistas a fim de analisar as produções escritas das crianças. Para este estudo foram selecionadas cinco crianças que frequentaram o 1º ano do ensino fundamental, no ano de 2015. O critério de seleção teve como premissa a participação no projeto durante o período de um ano consecutivo e a assiduidade as aulas de monitorias e apoio pedagógico no referido ano. Desse modo, constatou-se que, dos cinco sujeitos analisados, todos tiveram progresso significativo na aprendizagem da leitura e da escrita. O que leva a inferir que o trabalho colaborativo entre os bolsistas PIBID e os professores municipais qualifica a aprendizagem escolar e formação de futuros professores, nessa troca de saberes em busca de um ensino de qualidade.

**Palavras-chave:** Ensino e Aprendizagem, Leitura e Escrita Inicial, Pedagogia, PIBID.

#### **ABSTRACT**

*The present article aims to present relevant aspects for reflection on the contributions of the pedagogical work of the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PIBID), in the learning of reading and writing, of students of a municipal school in Santa Maria, RS. Thus, we sought to understand if the pedagogical interventions carried out by the PIBID grantees, Pedagogy Subproject, contribute to the students' reading and writing construction process. The research was characterized by a qualitative study of the bibliographic and documental type, using the reports presented annually by the scholars to analyze the written productions of the children. Five children who attended the first year of elementary school in the year 2015 were selected for this study. The selection criterion was based on the participation in the project during the period of one consecutive year and the attendance of the classes of monitoring and pedagogical support in the Year. Thus, it was found that, of the five subjects analyzed, all of them had significant progress in learning to read and write. This leads us to infer that the collaborative work between the PIBID scholarship holders and the municipal teachers qualify the school learning and training of future teachers, in this knowledge exchange in the search of qualified teaching.*

**Keywords:** Learning, Reading and Early Writing, Pedagogy, PIBID.

---

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação - TFG.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: marialuizaa2013@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora. Docente do curso de Pedagogia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: elianeagalvao1@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O estudo teve como objetivo investigar em que medida as ações e estratégias desenvolvidas a partir da proposta de alfabetização do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Pedagogia (PIBID/Pedagogia), do Centro Universitário Franciscano contribuíram no processo de aquisição da leitura e escrita de estudantes de anos iniciais de uma escola municipal de Santa Maria, RS.

Os dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que consiste no índice formulado para medir a qualidade do ensino nacional e estabelecer metas para melhoria do mesmo, indicam que a escola onde o estudo foi realizado apresentou crescimento em relação a esse índice, entretanto, ainda está abaixo do que se almeja. Como, por exemplo, a escola em questão, no primeiro ano dessa avaliação (2007), apresentou a média de 3.4, em 2009, a média de 3.9, e, na última avaliação (2013), foi para 4.4, sendo que a meta projetada pelo governo federal era 4.5. Assim, originou-se o interesse pelo tema, a partir da seguinte questão: As ações do Subprojeto Pedagogia (PIBID/Pedagogia), do Centro Universitário Franciscano, contribuem para qualificar a aprendizagem dos alunos em fase de alfabetização?

Nesse sentido, de maneira empírica percebeu-se o quanto o PIBID mobilizou os estudantes que se encontravam em diferentes níveis de alfabetização, a motivarem-se para aprender. Esses estudantes tornaram-se mais encorajados a retomar o ânimo e buscar soluções para problemas que encontravam em seu processo de aprendizagem.

Sendo assim, leva-se a interrogar sobre qual é a contribuição do PIBID/Pedagogia para que as crianças tenham melhor desempenho no seu aprendizado. Para isso, procurou-se analisar as produções escritas de crianças que participaram do PIBID/Subprojeto durante um ano consecutivo a fim de verificar o seu processo de desenvolvimento do aprendizado.

Nesse sentido, o estudo em questão pode ser compreendido a partir do aprofundamento de estudos bibliográficos relativos ao tema, tendo como mote o referencial de Ferreiro e Teberosky (1999), Teberosky e Colomer (2003), Seber (2006), Cagliari (2007) e da análise dos dados coletados via relatórios e bibliografias referentes ao PIBID. Os autores referendados contribuíram para novas elaborações e novas concepções docentes acerca do ensino da leitura e escrita inicial, especialmente, as pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1999) que chamam atenção para a necessidade do professor mudar o foco de investigação do como “se ensina” para “como se aprende” a ler e a escrever. Tais pesquisas enfatizam que as crianças, desde muito cedo, têm hipóteses relacionadas à escrita, ou seja, elas produzem seus escritos de acordo com suas ideias, sendo esse o ponto de partida para alfabetizar, o que demanda ultrapassar métodos que priorizam o ensino centrado na memorização. Na mesma direção, a corrente linguística de Cagliari (2007) enfatiza a relevância de inserir o aprendente, desde muito cedo, em um universo letrado, independente de seu amadurecimento biológico.

Neste estudo, teve-se como objetivos específicos: compreender como ocorrem os processos de construção da leitura e escrita a partir dos estudos da psicogênese, bem como analisar as testagens sobre a construção da leitura e da escrita inicial de estudantes que participaram do Subprojeto PIBID Pedagogia, em uma escola municipal de Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul por um ano consecutivo.

Este artigo está estruturado a partir do Referencial Teórico o qual contempla a discussão sobre o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o contexto da investigação, bem como estudos referentes a construção da leitura e da escrita da criança a partir da psicogênese, nesse item enfatiza-se o que é indispensável o professor compreender a partir do ponto de vista evolutivo, sobre estudos da língua escrita cujos aspectos construtivos de aprendizado, relativos à criança, são substanciais ao seu processo de aprendizagem. A seguir, os Resultados e Discussões apresentando a análise das testagens sobre leitura e escrita das crianças participantes do PIBID à luz dos estudos sobre a psicogênese e, por fim a conclusão sobre o estudo realizado.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)**

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/MEC/CAPES, de acordo com Brasil (2009), é um programa instituído pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo objetivo é fomentar atividades de iniciação à docência, auxiliando na melhoria da qualidade nos cursos de licenciatura nas escolas públicas de Educação Básica. O Programa foi criado em 2007 e contempla a concessão de bolsas de iniciação à docência para estudantes de cursos de licenciatura, antecipando o vínculo de contato da universidade com a escola, por meio da inserção dos acadêmicos no futuro ambiente de trabalho.

Na CAPES, o PIBID é coordenado pela Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica (DEB) da própria (CAPES) e apresenta uma proposta de valorização dos futuros docentes durante seu processo de formação.

As bolsas de iniciação à docência são para os estudantes de licenciatura das áreas abrangidas pelo subprojeto. É atribuição do estudante/bolsista participar das atividades definidas pelo projeto; dedicar-se, no período de vigência da bolsa a, no mínimo, 8 horas semanais às atividades do PIBID, sem prejuízo do cumprimento de seus compromissos regulares como discente. O estudante/bolsista não pode, em sua rotina escolar, assumir atribuições dos docentes da escola em que o mesmo está inserido (BRASIL, 2013). Os objetivos do Programa PIBID, conforme Portaria 096/2013, artigo 4º são:

I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;

II - contribuir para a valorização do magistério;

III - elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre Educação Superior e Educação Básica;

IV - inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino aprendizagem;

V - incentivar escolas públicas de Educação Básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério;

VI - contribuir para a articulação entre teoria e prática à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura;

VII - contribuir para que os estudantes de licenciatura se insiram na cultura escolar do magistério, por meio da apropriação e da reflexão sobre instrumentos, saberes e peculiaridades do trabalho docente.

O PIBID, Subprojeto Pedagogia do Centro Universitário Franciscano a que se refere este estudo, insere seus licenciandos, desde o primeiro semestre do curso, no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes ocasiões de criação e conhecimento em experiências, que venham colaborar para articulação entre teoria e prática.

Este subprojeto atende turmas de anos iniciais do ensino fundamental, nas atividades de monitoria e no apoio pedagógico, desenvolvendo ações condizentes com a proposta pedagógica da escola e visando à qualidade do processo de alfabetização com vistas à valorização dos sujeitos e (re)significando as práticas sociais da leitura e da escrita.

Assim, de acordo com PIBID/Pedagogia - Centro Universitário Franciscano o objetivo fundamental do Subprojeto Pedagogia é implementar uma proposta pedagógica inovadora e compartilhada entre Educação Superior e Educação Básica, focalizada na qualidade da alfabetização contribuindo para o melhoria da formação inicial do pedagogo, bem como dos professores nos anos iniciais e ensino fundamental. Como, nas atividades de monitoria, os bolsistas auxiliam nas atividades escolares diárias e, por vezes, em atividades extraclasse (passeios, festas e eventos escolares), e o apoio pedagógico é realizado com os alunos que se encontram com maiores dificuldades na aprendizagem com o intuito de contribuir para o avanço do aprendizado.

A escola, onde foi desenvolvido o estudo, é integrante da Rede Municipal de Ensino de Santa Maria, RS, cujos níveis e modalidades de atendimento são: Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Atende o turno da manhã, tarde e noite, totalizando aproximadamente, 1000 alunos.

Salienta-se que o Subprojeto PIBID Pedagogia, do Centro Universitário Franciscano, está inserido em escolas municipais e atende a cinco escolas, sendo uma, na região sul, outra na

região norte, outra, na região central e na região oeste, todas localizadas em regiões de grande vulnerabilidade social.

Este estudo parte do pressuposto de que a vivência do futuro professor no ambiente escolar desde os primeiros semestres da graduação, proporciona substratos que qualificam a formação para a docência sendo que a relação teoria/prática é a base para que não haja a idealização de uma escola que, muitas vezes, é percebida como distante da realidade dos problemas sociais que permeiam a rotina escolar. Logo, ao professor cabe, em sua prática pedagógica, mediar a aprendizagem dos alunos, mesmo diante das inúmeras dificuldades, que se originam de uma comunidade em que a realidade sociocultural é de vulnerabilidade social, sendo que essa problemática faz parte do cotidiano dos alunos. Para Libâneo (1994, p. 87):

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho.

Dessa maneira, as condições vivenciadas no ambiente escolar, diante a uma realidade de carências econômicas e, por vezes, afetivas, faz com que futuros professores, bolsistas/acadêmicos, busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino e aprendizagem, tentando amenizar a situação, para elevar a autoestima dos alunos, auxiliando-os no que é possível. Esse enfrentamento dos bolsistas PIBID com essa realidade promove uma formação diferenciada, que qualifica a formação inicial dos futuros professores promovida pela integração entre Educação Superior e Educação Básica. A inserção do bolsista, desde os primeiros anos do curso torna o futuro professor mais qualificado para trabalhar com o processo de alfabetização em um contexto de condições socioeconômicas adversas.

## A CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DA CRIANÇA A PARTIR DA PSICOGÊNESE

As produções e os elementos revelados pelas crianças devem transpor o alicerce para futuras construções, pois, a partir delas, edificarão o seu aprendizado. De acordo com Ferreiro (2006, p. 66): “[...] a construção do conhecimento sobre a leitura e a escrita inicial sugere muito mais que transmitir um conjunto de informações para os alunos”, pois é indispensável conhecer o ponto de vista da criança, porém, nas práticas pedagógicas, muitas vezes, o professor desconhece as manifestações infantis. Assim, as produções das crianças são revelações de compreensão construtiva da escrita e da leitura. Nesse sentido, destaca-se o que escreve Ferreiro (2001, p. 69):

Até poucos anos as primeiras tentativas de escrever feitas pelas crianças eram consideradas meras garatujas, como se a escrita devesse começar diretamente com letras convencionais bem traçadas. Tudo o que ocorria antes era simplesmente considerado como tentativas de escrever e não como escrita real. [...] Não se supunha que a execução de tais garatujas ocorresse simultaneamente com algum tipo de atividade cognitiva. Essas estranhas marcas gráficas pareciam estar dispostas ao acaso. Mais ainda: quando as crianças começavam a traçar letras numa ordem não convencional, o resultado era considerado uma má reprodução de escrita que, por certo teriam observado nalgum outro lugar.

Assim sendo, é indispensável que o professor compreenda o ponto de vista evolutivo sobre estudos da língua escrita cujos aspectos construtivos de aprendizado relativos à criança são considerados no seu processo de aprendizagem, pois, as crianças constroem ideias a respeito da escrita a partir do meio social que estão inseridas, por vezes, valendo-se de oportunidades que são do seu alcance como, por exemplo, jornais, livros, placas etc. Nesse sentido, o papel da escola é criar e desenvolver oportunidades para que a criança esteja envolvida em situações de leitura e escrita. Logo, o processo de aprendizagem que a criança deve percorrer necessita ser construído, e o professor deve agir como mediador nesse procedimento. Destaca-se que é de grande importância, por parte do professor, o conhecimento sobre as ideias que as crianças têm sobre suas produções escritas, pois isso permite perceber suas evoluções e acompanhar com suas construções para poder desafiá-las a novas aprendizagens.

Para Seber (2006, p. 58), aprender implica tempo para elaborar e reelaborar conhecimentos. Essa reconstrução ocorre a partir do entendimento do que a criança idealiza, principalmente, a partir das próprias ações. Assim, de acordo com o nível de sua compreensão, ela vai transformando sua maneira de escrever. O desenvolvimento intelectual não se dá de maneira linear, e sim de maneira construtiva. Trata-se de um processo dinâmico, caracterizado por idas e vindas que ocorre devido à integração das conquistas precedentes àquelas que a sucedem. Sendo assim, é importante esclarecer que não se deve interpretar as oscilações da criança no que se refere a aprendizagem da leitura e escrita, como indício de que, ao longo do desenvolvimento, a ela está marcando passo ou regredindo, pois, acontecem em virtude de reconstruções constantes.

Nessa perspectiva, rompe-se a concepção de língua escrita como código, o qual a criança aprenderia com a memorização e repetição. As autoras Ferreiro e Teberosky (1999) defendem uma concepção de língua escrita como sistema de notação que, nesse caso, é o alfabético, isto é, a escrita alfabética é um sistema de representação dos segmentos sonoros da fala. Aprender a ler e a escrever implica que as crianças compreendam o que a escrita alfabética representa e como ela pode ser representada. Na aprendizagem desse sistema, as pesquisadoras constataram que as crianças passam por diferentes fases que vão da escrita pré-silábica à alfabética.

As mesmas autoras ressaltam que as crianças não são simples aprendizes, e sim sujeitos que sabem, incorporam informações e constroem preceitos de interpretação. A criança apresenta preceitos conforme o nível de desenvolvimento em que se encontra. As crianças atendidas na escola em que se fez o estudo se encontram em níveis de alfabetização diferenciados.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), distinguem-se três níveis ordenados cada um com suas especificidades. No primeiro nível, as crianças procuram critérios que lhes permitam diferenciar desenho de outras formas gráficas, ou seja, a distinção de representação icônica de não icônica. Ainda nesse nível, quando avançam em suas construções compreendendo que, para escrever uma palavra usam-se letras, a criança ao escrever varia o repertório das letras ou a posição das mesmas, sem alterar a quantidade, ou se preocupam com critérios quantitativos, isto é, varia a quantidade de letras de uma palavra para outra, sem preocupação com as propriedades sonoras. No segundo nível, as crianças se defrontam com problemas dos pontos de vista quantitativo e qualitativo, relativo à necessidade de quantas letras um escrito deve conter para ser legível e quais letras devem ser utilizadas. Ao escrever, a criança tem duas exigências básicas: a quantidade de letras (nunca inferior a três) e a variedade entre elas, (não podem ser repetidas).

O primeiro e segundo níveis caracterizam-se pela hipótese pré-silábica. O terceiro nível corresponde à fonetização da representação escrita, na qual as crianças constroem três hipóteses diferenciadas: silábica, silábica-alfabética e alfabética (TEBEROSKY; COLOMER, 2003). Desse modo, quando a sua grafia representa uma correspondência com a fala à criança se encontra na hipótese silábica, isto é, cada grafia traçada corresponde a uma sílaba pronunciada. Sendo que essa etapa pode ser dividida em dois níveis: o primeiro, chamado sem valor sonoro em que ela representa cada sílaba em uma letra e o segundo chamado com valor sonoro, cada sílaba é representada pela letra de som correspondente.

Teberosky e Colomer (2003) também explicam que a hipótese silábica alfabética é um período de transição em que a criança trabalha simultaneamente, ora o fonema é representado por uma letra ora escreve a sílaba completa. Por último, a escrita alfabética em que a criança escreve de maneira convencional, podendo ocorrerem, ainda, erros ortográficos.

Desse modo, na escola onde foi desenvolvido o projeto PIBID/Pedagogia, para fins de diagnóstico, foram realizadas testagens de leitura e de escrita com os estudantes, sendo esse trabalho coletado pelas bolsistas PIBID/Pedagogia, quando se procurou, nas monitorias e nas atividades de apoio pedagógico, desenvolver práticas pedagógicas que viessem a contribuir com o aprendizado dessas crianças. Assim, de acordo com os níveis de alfabetização e de forma lúdica, procurou-se contemplar diversas áreas do conhecimento. Constata-se, a importância de identificar os níveis de alfabetização, no processo de promover momentos lúdicos e formativos que possam auxiliar a criança no processo de aprendizagem da leitura e da escrita inicial.

## MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa caracterizou-se por um estudo qualitativo, do tipo bibliográfico e documental. Destaca-se que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica “[...] reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2006, p. 44). A pesquisa documental neste trabalho é de suma importância, uma vez que os registros escolhidos, são as produções escritas das crianças, cuja a análise deve responder às questões da pesquisa, exigindo do pesquisador uma capacidade reflexiva e de argumentação.

Para este estudo foram selecionados 5 (cinco) estudantes que frequentaram o 1º ano do ensino fundamental no ano de 2015. O critério de seleção teve como premissa a participação deles no projeto durante o período de um ano. Outro critério foi à participação assídua dos estudantes nas aulas de monitorias e apoio pedagógico no referido ano. Reitera-se que, na monitoria os bolsistas auxiliam juntamente com os professores regentes nas atividades escolares de sala de aula. No apoio pedagógico, os bolsistas planejam e realizam atividades pedagógicas de forma lúdica para estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem na escrita e no raciocínio lógico.

Após a seleção desses estudantes, foi realizada uma pesquisa exploratória nos arquivos de registro dos relatórios apresentados anualmente pelas bolsistas. Nesta pesquisa foram selecionadas as testagens relativas à produção escrita desses cinco estudantes, com o objetivo de verificar o nível de desenvolvimento dessas crianças no que se refere à construção da leitura e escrita. Dessa forma, elegeram-se três testagens individuais dos estudantes selecionados, totalizando quinze testagens, aplicadas em períodos diferenciados (meses de maio, junho e setembro de 2015).

Salienta-se que os nomes dos estudantes são fictícios a fim de preservar sua identidade: Arthur, Ester, Emanuelli, Manuela e Daniel, todos com a idade de seis anos, frequentando a mesma turma do 1º ano do Ensino Fundamental.

A finalidade das testagens realizadas não foi verificar o erro ou acerto, e sim como as crianças representam a escrita e suas hipóteses de escrita enquanto sistema de representação. A abordagem para a aplicação das testagens foi realizada de forma lúdica e, em casos que a criança apresentava alguma resistência pelo fato de ainda não saber escrever, foi encorajada pela bolsista a escrever o que lhe estava sendo solicitado.

Salienta-se que, segundo verificado nos relatórios, a orientação para realização das testagens era deixar claro ao estudante, autor da testagem, que se tivesse com dúvidas ao escrever, realizasse a escrita da maneira que entender, pois a finalidade era o professor ou o bolsista conhecer como esse estudante compreende o que está escrevendo. Ainda orientava-se que o bolsista necessitava estar atento aos aspectos gráficos (orientação espacial, linearidade ou não da escrita, presença de garatujas e se realiza diferenciação entre elementos icônicos e não icônicos) e, também, os aspectos construtivos onde a criança observa caracteres de quantidade e variedade inter-escrita e intra-escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).



Ressalta-se que quem aplicou as testagens foi uma bolsista PIBID que trabalhou com a turma durante o ano, sendo assim, a partir de uma visão construtivista procurou-se compreender a representação da escrita.

De acordo com o relatório, para a realização das testagens, foram disponibilizados, folhas de papel e lápis 2b, não permitindo o uso de borracha. Após, realizou-se o ditado de quatro palavras do mesmo campo semântico e uma frase. Na orientação para a realização das testagens foi dirigido à criança, um ditado com a sequência de uma palavra polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e, após, uma monossílaba. A seguir, retomaram-se duas palavras do mesmo campo semântico e ditou-se a frase. Porém, Ferreiro e Teberosky (1999) orientam o ditado na seguinte ordem: palavra dissílaba, trissílaba, polissílaba e uma monossílaba para que, posteriormente, sejam retomadas duas palavras já ditadas, ainda salienta que toda palavra que a criança escreve deve ser precedida da leitura.

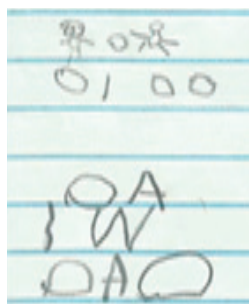
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para os resultados e discussões desta pesquisa, retomou-se o objetivo que foi refletir sobre as contribuições do Subprojeto PIBID-Pedagogia do Centro Universitário no processo de aprendizagem da leitura e escrita de alunos de anos iniciais de uma escola municipal de Santa Maria, RS. Sendo assim, foi fundamental aprofundar estudos em relação à alfabetização para posteriormente analisar as testagens de alunos participantes do PIBID, Subprojeto Pedagogia.

As produções escritas do estudante Arthur, sendo as palavras ditadas: Jogadores, Futebol, Bola e Pé. E a frase: Os jogadores jogam a bola com o pé. Na primeira testagem de Arthur, figura 1, no mês de abril, ao escrever as palavras ditadas, procedeu da seguinte forma: ao escrever a primeira palavra JOGADORES, percebe-se que ele faz uso de desenhos para escrever, fez o desenho de “jogadores”. Após faz uso de símbolos que se parecem com letras para escrever a palavra jogadores. Para Cagliari (2007, p. 121):

É interessante perguntar para a criança o que quer dizer com sua escrita e anotar as respostas, para poder acompanhar o seu desenvolvimento. Quando ao dizer que está escrevendo, a criança desenha algumas letras de forma aleatória, ela já possui uma ideia do que seja escrita, ou seja ela já sabe que se escrever com determinados sinais, mesmo que não saiba que estes sinais possuem uma ordem de colocação e significação.

**Figura 1** - Testagem do Estudante Arthur referente ao mês de abril 2015.



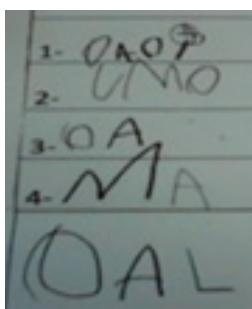
Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

O estudante Arthur, coloca figuras para representar o que quer escrever e tenta colocar letras que fiquem de acordo com sua produção. Com as demais palavras, busca, com mais segurança, outras letras conhecidas. A leitura de todas as palavras foi realizada de forma global. Percebe-se que não se preocupa com quantidade de letras para sua escrita, nem mesmo com os valores sonoros produzidos pelas mesmas. Para a frase, escreve as letras OAO. Palavras escritas com quantidade variável com repertório parcial (aparecem constantemente algumas grafias na mesma ordem, mas há outras de formas diferentes que as completam). Para Ferreiro (1987, p. 106):

No início da diferenciação entre desenho e escrita (início este que pode não estar marcado necessariamente por uma nítida distinção entre as grafias, senão pela intenção de quem as produz), as grafias se distribuem livremente no espaço disponível. Não existe ainda linearidade e nem atenção à variedade de caracteres ou à quantidade de caracteres. Uma vez iniciada a atividade de escrever é o espaço disponível que cria os limites.

Por conseguinte esse estudante apresenta critérios de diferenciação entre desenho e escrita, linearidade e arbitrariedade, utilização de formas convencionais. Essas observações caracterizam o estudante Arthur como pertencendo a hipótese pré-silábica, com representação em transição entre icônica e não-icônica (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). Na segunda testagem de Arthur, figura 2, no mês de junho de 2015, dois meses após a primeira testagem ao escrever a palavra, JOGADORES, já não faz mais o uso de desenho para representá-la, demonstrando que ampliou o repertório de letras utilizadas na testagem anterior.

**Figura 2** - Testagem do Estudante Arthur referente ao mês de junho 2015.



Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

Percebe-se que houve uma evolução, pois, agora pensa e fala as palavras enquanto escreve, ou seja, se preocupa com os valores sonoros das palavras, tentando reproduzir as letras das sílabas que está ouvindo, mas ainda não reconhece todas as letras. Com todas as palavras, busca representá-las com uma letra para cada sílaba de maneira que a leitura de todas as palavras foi realizada silabicamente.

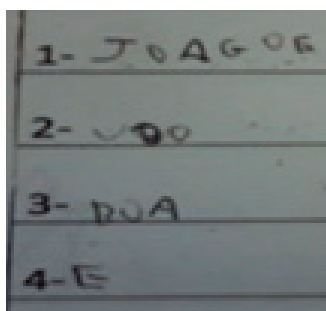
Na segunda palavra, FUTEBOL, ainda utiliza uma letra para cada sílaba ouvida, sendo que as letras que utilizou são as vogais pertencentes à palavra U/ E/O. O mesmo ocorre com as demais palavras (BOLA E PÉ) ao utilizar uma letra para representar as sílabas que compõem a palavra sendo que utiliza valor sonoro convencional na palavra BOLA e não utiliza valor sonoro convencional na palavra PÉ nem valor de quantidade mínima de letras para escrever a frase, pois utiliza as letras OAL para escrevê-la.

As observações caracterizam o estudante Arthur como pertencendo à hipótese silábica (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). Assim, o estudante apresenta progresso em relação à testagem anterior feita em abril em que se encontrava em nível pré-silábico.

Na terceira testagem, o estudante Arthur, figura 3, no mês de setembro, ao escrever a primeira palavra, JOGADORES, escreve JOAGOG. Nota-se a tentativa de escrever a palavra de forma convencional. Mas, na segunda palavra, FUTEBOL, ainda utiliza uma letra para cada sílaba ouvida, sendo que as letras que utilizou são as vogais pertencentes à palavra U/ E/O. O mesmo ocorre com as demais palavras.

O estudante, não escreve a frase ditada e todas essas observações o caracterizam como pertencendo à hipótese silábica em transição para o nível silábico alfabético como é o caso da palavra BOLA que escreveu BOA (FERREIRO; TEBEROSKY; 1999). Percebe-se que o estudante, de acordo com sua testagens apresentou evolução em sua construção de escrita, pois se encontrava em nível pré-silábico, em abril e, em setembro avançou para o nível silábico.

**Figura 3** - Testagem do Estudante Arthur referente ao mês de setembro 2015.

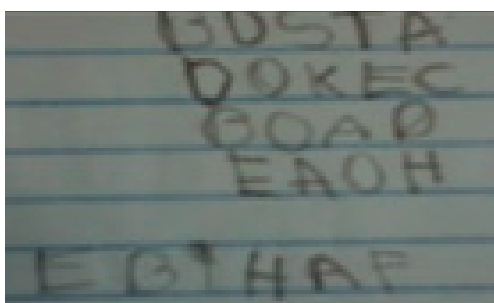


Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

As produções escritas de Ester: sendo as palavras ditadas (Jogadores, Futebol, Bola e Pé) e a frase (Jogadores jogam a bola com o pé).

A estudante Ester, em sua primeira testagem, figura 4, em abril de 2015, ao escrever a primeira palavra, JOGADORES, e a segunda palavra FUTEBOL realiza a escrita conforme as letras que conhece, variando entre elas e tendo o cuidado de não repetir. Esta criança apresenta critérios de linearidade, utilização de formas convencionais e de quantidade mínima.

**Figura 4** - Testagem da Estudante Ester referente ao mês de abril 2015.



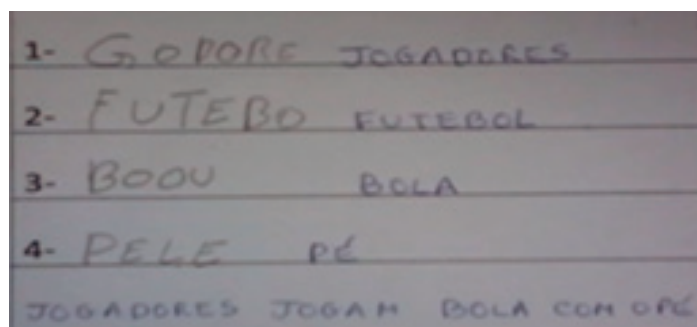
Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

Weiz (2005, p. 10) afirma:

Como acabamos de ver, aquelas escritas sem pé nem cabeça - que costumam ser produzidas pelas crianças e que nos parecem indicar “problemas de alfabetização” - correspondem à parte mais interessante do processo pela qual um sujeito pensante desvela o sistema da escrita. E isso nos deixou em estado de choque, que rapidamente se transformou em estado de graça. Ver que essas escritas estranhas apareciam em algum momento do processo de alfabetização tanto em crianças ricas quanto das pobres também foi um choque. O impacto que essas ideias tiveram na educação definiu um espaço divisor: um antes e um depois na história da alfabetização escolar brasileira.

As informações caracterizam a estudante Ester em sua primeira testagem, como pertencendo ao nível pré-silábico (FERREIRO; TEBEROSKY; 1999). Já, em sua segunda testagem, figura 5, em Junho de 2015, ao escrever a primeira palavra: JOGADORES escreveu GODORES, onde se entende a tentativa de escrever de modo convencional. Nas palavras bola e pé, entrou em conflito, fazendo exigência de maior número de letras para escrevê-las. Realizou a leitura de forma silábica, colocando o dedo em cima de uma sílaba que lia. Para a frase utiliza letras que pertencem ao seu repertório de letras conhecido numa tentativa de escrevê-la. Essa estudante está iniciando a compreender a natureza intrínseca do sistema alfabético.

**Figura 5** - Testagem da Estudante Ester referente ao mês de junho 2015.

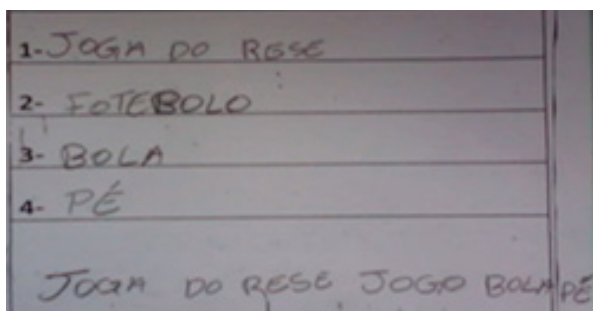


Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

Logo, essas observações caracterizam a estudante Ester como pertencendo ao nível silábico-alfabético (FERREIRO; TEBEROSKY; 1999). Percebe-se progresso na construção da sua escrita visto que se encontrava em abril no nível pré-silábico e, em junho, encontra-se silábica-alfabética.

Ester, figura 6, em sua terceira testagem, no mês de setembro realizou a escrita da primeira palavra: JOGADORES conforme a exigência convencional. Realizou a leitura das palavras, colocando o dedo em cima da sílaba que lia. Na frase ocorreu a mesma coisa. Do mesmo modo, procedeu com as demais palavras, sua leitura foi silábica em todas, inclusive na frase. Entende-se que Ester já entendeu a natureza intrínseca do sistema alfabético, mas ainda não sabe lidar com todos os traços ortográficos próprios da linguagem.

Figura 6 - Testagem da Estudante Ester referente ao mês de setembro 2015.



Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

Para Sinclair (1990, p. 69):

Compreender a natureza desse sistema de representação quer dizer notadamente compreender porque certos elementos essenciais à comunicação oral (a entonação, por exemplo) não são retidos na representação mesmo que devam ser reintroduzidos na interpretação dessa representação: compreender que a escrita adota uma definição de unidade “palavra língua” que não corresponde às instituições linguísticas do sujeito pré-alfabetizado: compreender que todas as palavras são tratadas como equivalentes no nível de representação, mesmo que pertençam a classes bem diferentes; compreender que a concentração privilegiará nas diferenças sonoras do significante - necessária para construir uma representação alfabética - deve ser compensada por uma concentração no significado no momento de interpretação.

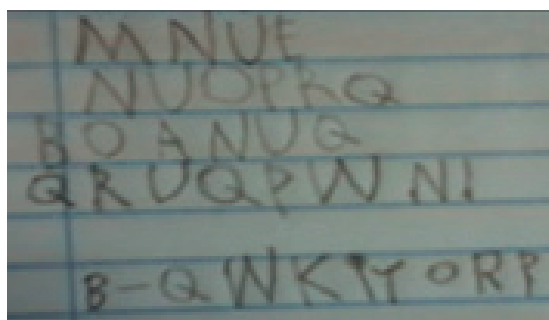
De acordo com as testagens que caracterizam a estudante Ester, ela encontra-se no nível alfabético. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). Entende-se que apresentou evolução em sua construção de escrita, pois, em abril, apresentava-se em nível pré-silábico e em setembro encontra-se em nível alfabético.

As produções escritas da estudante Emanuelli. Sendo as palavras ditadas: jogadores, futebol, bola e pé. E a frase: Os jogadores jogam a bola com o pé.

A estudante Emanuelli, figura 7, em sua primeira testagem realizada em abril, ao escrever a primeira palavra: JOGADOR apresentou prioridade em escrevê-la com as letras conhecidas do seu repertório. Do mesmo modo, procedeu com as demais palavras. Emanuelli usou de variação entre letras, apresentando critérios de diferenciação entre desenho e escrita, linearidade e arbitrariedade, utilização de formas convencionais, considera cadeias de letras como objetos substitutos e observa o princípio da quantidade mínima.

Para Cagliari (2007, p. 121):

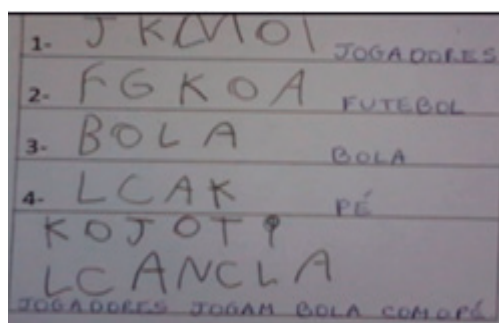
Nessas tentativas de escrita, a criança não se procura copiar, mas representar o que ela imagina que seja escrita. Algumas crianças superam esta etapa antes de entrar para a escola, mas muitas só têm essa possibilidade de vivenciá-la ao ingressarem na 1ª série. É importante deixar que as crianças experimentem como escrever as letras; dar tempo para que isso ocorra.

**Figura 7** - Testagem da Estudante Emanuelli referente ao mês de abril 2015.

Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

Percebe-se que a estudante Emanuelli, baseando-se nas observações mencionadas referentes ao mês de abril, já reconhece algumas letras e faz uso delas na tentativa de escrever várias palavras diferentes. Todas essas observações caracterizam-na como pertencendo ao nível pré-silábico (FERREIRO; TEBEROSKY; 1999).

Na segunda testagem da estudante, figura 8, em junho de 2015, observa-se que ela avançou em sua construção da escrita, pois, vemos que a primeira palavra: JOGADORES, faz o reconhecimento da letra inicial correspondente à palavra ditada e faz exigência de quantidade de letras para escrevê-la. A palavra BOLA escreve conforme a exigência convencional. Para a palavra PÉ utiliza letras que não correspondem ao valor sonoro da palavra. Desse modo, apresenta critérios de diferenciação entre desenho e escrita, linearidade e arbitrariedade, utilização de formas convencionais, considera cadeias de letras como objetos substitutos e observa o princípio da quantidade mínima. As observações mencionadas caracterizam a estudante Emanuelli como pertencendo ao nível, pré-silábico, segundo a psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999).

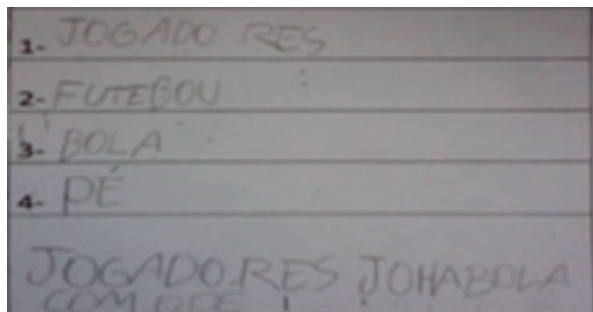
**Figura 8** - Testagem da Estudante Emanuelli referente ao mês de junho 2015.

Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

Emanuelli, em sua terceira testagem, figura 9, em setembro de 2015, ao escrever a primeira palavra: JOGADOR, escreve de maneira convencional e procede da mesma maneira com todas as outras palavras, inclusive com a frase, respeitando os espaços elas, bem como os acentos. Do mesmo

modo, procedeu com as demais palavras e inclusive com a frase. Esta estudante entendeu a natureza intrínseca do sistema alfabético, e sabe trabalhar com traços ortográficos próprios da linguagem.

**Figura 9** - Testagem da Estudante Emanuelli referente ao mês de setembro 2015.

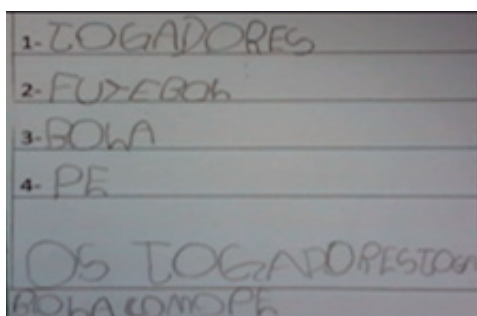


Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

As informações referidas caracterizam a estudante Emanuelli como pertencendo ao nível alfabético (FERREIRO; TEBEROSKY; 1999). Nota-se que ela teve um avanço significativo no que diz respeito a sua construção de escrita, pois, em abril, encontrava-se no nível pré-silábico e, em setembro, encontra-se no nível alfabético.

A estudante Manuela, em sua primeira testagem, realizada em abril, figura 10, ao escrever a primeira palavra JOGADORES, escreveu de forma “espelhada”. Escrever palavra “espelhada” de acordo com Ferreiro e Teberosky (1999) é frequente na fase inicial da alfabetização, sendo que a produção escrita vem acompanhada de falta ou mistura de letras e deve-se salientar que nesse momento, a criança está internalizando a noção de direita e esquerda. Realizou a leitura de forma silábica, colocando o dedo em cima de cada sílaba que lia.

**Figura 10** - Testagem da Estudante Manuela referente ao mês de abril 2015.

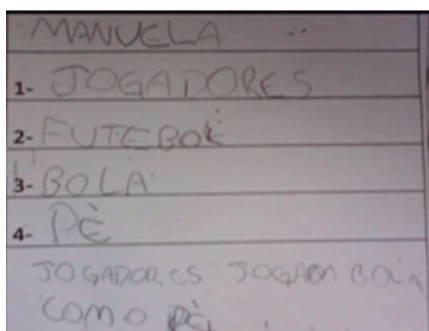


Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

A palavra seguinte, FUTEBOL escreveu alfabeticamente, conforme a exigência convencional. Apenas a palavra inicial do ditado, JOGADORES, escreve de forma “espelhada” e a frase ainda não escreve com espaço entre as palavras. Essa estudante já entendeu a natureza intrínseca do sistema alfabético. As informações indicam que a estudante encontra-se no nível alfabético (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Na testagem da estudante Manuela, figura 11, em junho de 2015, escreveu a primeira palavra: JOGADORES conforme a exigência convencional. A estudante escreve de maneira convencional todas as palavras inclusive a frase, respeitando os espaços entre as palavras, bem como os acentos. Esta aluna já entendeu a natureza intrínseca do sistema alfabético e sabe lidar com traços ortográficos próprios da linguagem (FERREIRO; TEBEROSKY; 1999).

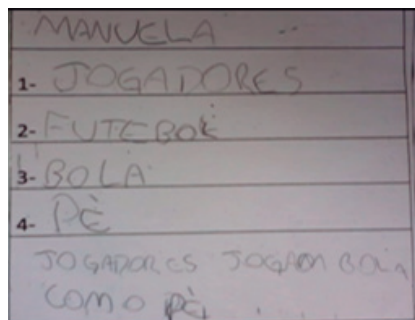
**Figura 11** - Testagem da Estudante Manuela referente ao mês de junho 2015.



Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

Manuela, na terceira testagem, figura 12, em setembro de 2015, escreveu a primeira palavra: JOGADORES, e as demais palavras corretamente conforme a exigência convencional, inclusive a frase, respeitando os espaços entre as palavras, bem como os acentos. Ele realizou a leitura de forma global.

**Figura 12** - Testagem da Estudante Manuela referente ao mês de setembro 2015.



Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

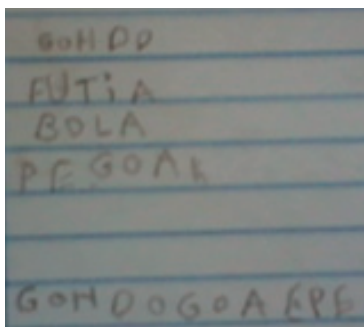
Todas essas observações caracterizam a estudante Manuela como pertencendo ao nível alfabético (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). Percebe-se que ela alcançou um progresso no que se refere a sua construção de escrita sendo que, no mês de abril, encontrava-se no nível alfabético ma ainda escrevendo de forma espelhada e, em setembro, sobrevém a escrever corretamente e de forma convencional.

Na testagem do estudante Daniel, as palavras ditadas foram: jogadores, futebol, bola e pé e a frase: Os jogadores jogam a bola com o pé.



O estudante Daniel, figura 13, em sua primeira testagem em abril de 2015, ao escrever as primeiras palavras, JOGADOR e FUTEBOL, faz uso de letras que conhece para escrever sendo que existe uma tentativa nítida de escrevê-las da forma convencional, preocupando-se em identificar as letras ao seu som correspondente. Sua leitura foi realizada silabicamente. Esse estudante se encontra em processo de transição e entrou em conflito com as palavras BOLA e PÉ, achando necessário colocar mais letras para escrevê-las.

**Figura 13** - Testagem do Estudante Daniel referente ao mês de abril 2015.



Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

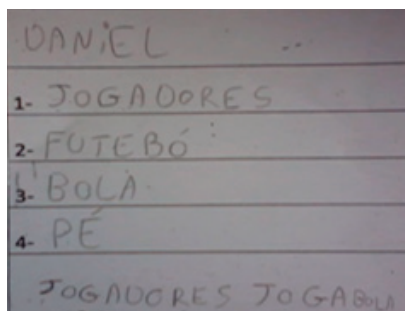
Para Sinclair (1990, p. 63):

Um ponto muito importante a destacar é o seguinte: as escritas silábico-alfabéticas foram tradicionalmente consideradas como escritas “desviadas”, “como omissões de letras”. É verdade que, em relação ao modelo adulto convencional, elas comportam omissões. Mas do ponto de vista da psicogênese, é exatamente ao contrário: há adição de letras em relação às escritas silábicas precedentes. Inútil ressaltar a importância que essa mudança de ponto de vista pode ter nos diagnósticos psicopedagógicos.

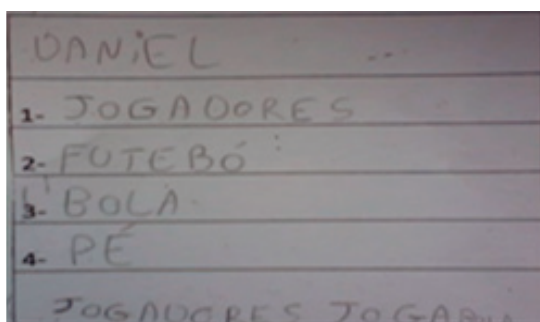
Assim, esse estudante apresenta critérios de diferenciação entre desenho e escrita, linearidade e arbitrariedade, utilização de formas convencionais, considera cadeias de letras como objetos substitutos e observa o princípio da quantidade mínima.

Essas informações caracterizam-no como pertencendo ao nível silábico (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). Percebe-se um pequeno avanço na construção da sua escrita, pois, ao escrever as palavras, agregou letras na construção das mesmas, comparada com a testagem anteriormente realizada em abril. Ele não mais entra em conflito com as palavras BOLA e PÉ, escrevendo-as convencionalmente. Somente na construção da frase ainda não consegue colocar separação entre as palavras e troca algumas letras (figura 14).

O estudante Daniel, figura 15, em setembro, escreveu alfabeticamente, conforme a exigência convencional. Escreve de maneira convencional todas as palavras inclusive a frase, respeitando os espaços entre elas, bem como os acentos. Esse aluno entendeu a natureza intrínseca do sistema alfabético e sabe lidar com traços ortográficos próprios da linguagem.

**Figura 14** - Testagem do Estudante Daniel referente ao mês de junho 2015.

Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

**Figura 15** - Testagem do Estudante Daniel referente ao mês de setembro 2015.

Fonte: Arquivo do Subprojeto PIBID Pedagogia.

Para Sinclair (1990, p. 63):

A etapa final da evolução é o acesso aos princípios do sistema alfabético. A criança consegue compreender como opera esse sistema, isto é quais são suas regras de produção. Essa etapa final, nesse caso como em outros, é, contudo, também a primeira de um outro período. De fato muitos problemas ficam ainda por resolver, principalmente os problemas de ortografia que surgiram em primeiro plano. Uma nova distinção se impõe a partir de então, entre os problemas da escrita propriamente dita e os problemas de ortografia.

Todas essas observações caracterizam o estudante Daniel como pertencendo ao nível alfabético (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). Percebe-se evolução no processo de aprendizagem do estudante, pois, em setembro, encontra-se em nível alfabético sendo que, na testagem anterior, do mês de abril, encontrava-se em nível silábico.

A partir do estudo, percebeu-se que entre as crianças em que foram aplicadas as testagens, no mês de abril, os estudantes Arthur, Ester e Emanuelli encontravam-se em nível pré-silábico. O estudante Daniel se encontrava em nível silábico, e Manuela em nível alfabético. Porém, nessa oportunidade, Manuela ainda se apresentava com escrita espelhada. Já no mês de junho, apenas Arthur, permanecia pré-silábico, entretanto, apresentava evoluções em sua escrita. Os estudantes Ester, Emanuelli e o

Daniel apresentavam-se nessa testagem de abril no nível silábico, e Manuela encontrava-se alfabética. Já no mês de setembro, o estudante Arthur evoluiu para o nível silábico, e os outros estudantes Ester, Emanuelli, Daniel e Manuela evoluíram para o nível alfabético. Salienta-se, porém, que a estudante Ester, nesta ocasião, entendeu a natureza intrínseca do sistema alfabético, embora ainda apresente dificuldades ortográficas, mas os estudantes Emanuelli, Manuela e Daniel já entenderam a natureza intrínseca do sistema alfabético e sabem trabalhar com traços ortográficos próprios da linguagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos resultados deste estudo, é possível ressaltar que se faz necessário respeitar a construção individual de cada sujeito, no que se diz respeito às possibilidades de aquisição do sistema de escrita. Porém, para que a aprendizagem da leitura e da escrita se concretize, é necessária uma riqueza de oferta de informações e um ambiente alfabetizador adequado para garantir que o estudante construa a sua autonomia no seu processo de aprendizagem. Percebeu-se que, à medida que os estudantes foram avançando nas suas construções, foram desenvolvendo a sua capacidade reflexiva, pois tomaram consciência da necessidade de ler e analisar o que escrevem, como foi possível verificar nas testagens aqui analisadas. Dessa forma, o estudo realizado permite destacar que se faz necessário despertar no estudante a observação e construção da aprendizagem sendo que o professor deve mediar esse processo proporcionando condições que o possibilitem construir conceitos e o torne alfabetizados.

Portanto, pelos resultados desta pesquisa, as ações desenvolvidas pelo PIBID, no que se refere à alfabetização da leitura e escrita contribuíram para a aprendizagem mais autônoma que viabilizou a interação com as práticas sociais de leitura e escrita, pois, verificou-se que, dos cinco estudantes analisados, todos tiveram progresso significativo na aprendizagem. Percebeu-se que as atividades desenvolvidas através do Subprojeto PIBID/Pedagogia auxiliaram os alunos a acreditar no seu potencial visto que constantemente foram incentivados a produzir seus próprios escritos. A possibilidade das crianças expressarem suas ideias sobre a escrita e serem desafiadas a pensar sobre o que produzem contribuiu para o avanço do seu aprendizado, o que leva a inferir que o trabalho colaborativo entre os bolsistas PIBID e os professores municipais qualifica a aprendizagem escolar e formação de futuros professores, nessa troca de saberes em busca de um ensino de qualidade. Por fim, faz-se necessário mencionar que o apoio e a integração da equipe diretiva, das escolas, juntamente com as professoras regentes e demais bolsistas se torna fundamental para que exista a possibilidade de um resultado positivo do PIBID em ambientes educativos e para que os planejamentos traçados e implementados tragam efeitos favoráveis no que se diz a respeito ao ensino e aprendizagem escolar.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Portaria Capes nº 96, de 18 de julho de 2013**. Novo Regulamento do Pibid do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/LHVNIX>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 10. ed. Campinas: Editora Scipione, 2007.

FERREIRO, Emília. **Os processos de leitura e escrita**. Trad. Luiza Maria Silveira. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Trad. Horácio Gonzalez et al. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liane Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortêz, 1994.

SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil: o caminho da construção**. São Paulo: Scipione, 2006.

SINCLAIR, Hernine (Org.). **A produção de notação na criança**. São Paulo: Cortez, 1990.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. A Construção do conhecimento sobre a escrita. In: TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WEISZ, T. A revolução de Emília Ferreiro. **Revista Viver Mente & Cérebro - Série “Memória da Pedagogia”**, Rio de Janeiro: n. 5, 2005.